

Matéria

DUAS PERGUNTAS A...

César Rafael



...SIMONE NOGUEIRA

Professora da PUC-Minas e responsável pela área de design virtual

Didaticamente, para onde estamos indo?

À frente da equipe da PUC Minas Virtual, a professora entende que alguns projetos de tecnologia direcionados à sala de aula se inserem em uma realidade distante da universidade brasileira. “Não conseguimos avançar em alguns pontos iniciais, como formação de professor, resistência a tecnologia por parte de alunos, professores, entre outras coisas”, analisa a autora de um mestrado voltado para a interação na educação. Ela, que observou como alunos do Brasil e do exterior estudam,

sente falta de pesquisas voltadas ao relacionamento de tecnologia e didática. “Para onde estamos caminhando?”, questiona.

As escolas e universidades do país hoje estão abertas a discutir a introdução de soluções tecnológicas?

Vamos ter que nos adaptar. Essas tecnologias vão caminhar com a educação à distância, ou uma educação semi presencial. Existe um problema seríssimo da transposição da aula presencial para o formato à distância.

Não é possível replicar, são ferramentas e realidades diferentes. Por exemplo, há um sistema que permite montar um apresentação virtual com lâmina (PDF) e áudio, porém as pessoas costumam utilizá-lo para fazer aulas semelhantes a uma aula presencial. Na minha opinião, é preciso olhar do ponto de vista do processo de aprendizagem como um todo. Como o aluno tem acesso a diversas mídias, todas essas mudanças de método de ensino precisam ser pensadas a partir desses comportamentos.

A tecnologia pode definitivamente acelerar o aprendizado do aluno?

Trabalho com educação à distância há dez anos, só tenho visto bons resultados. O meu único questionamento é se existe pesquisa suficiente para que essa tecnologia seja voltada aos objetivos educacionais. Para educação à distância, há diversas ferramentas importantes, mas ainda aquém do que as ferramentas permitem. Muito ainda precisa ser elaborado.

Matéria